

A COMISSÃO RONDON E A PARTICIPAÇÃO DOS CIENTISTAS

Sergio Luiz Augusto de Andrade
doutorando/HCTE
sergiolaandrade@yahoo.com.br

Resumo: No início do século XX houve um esforço de expansão das conquistas da técnica e da ciência no Brasil. Nessa busca de modernizar o país surge a Comissão Rondon, que foi um dos mais gigantescos empreendimentos realizados no Brasil no início do século, com o fim de desbravar regiões inóspitas do nosso território e incorporá-las ao nosso país. Rondon e os cientistas, sempre tiveram um relacionamento muito próximo. Além da formação de Rondon na Escola Militar, voltada para a área científica, sem dúvida que o positivismo aproximou muito Rondon e os cientistas. Roquette Pinto (1884 - 1954), que participou da Comissão Rondon, no livro Rondônia faz o seguinte comentário: “Houve um Brasil antes de Rondon: em ciências, foi o Brasil Português; há um Brasil depois de Rondon: é o Brasil Brasileiro.”

Palavras-chave: Comissão Rondon, cientistas, ciência.

Rondon (1865 – 1958) foi um oficial do Exército Brasileiro que na Escola Militar graduou-se em matemática e ciências físicas e naturais. Em sua época os militares oriundos da Escola Militar tinham uma formação acadêmica.

Esses oficiais, inclusive Rondon e alguns dos naturalistas que participaram da Comissão Rondon, começaram a seguir as ideias positivistas, uma filosofia bem típica da época.

A boa relação de Rondon com os naturalistas do Museu Nacional pode ser confirmada ainda pelas palavras de Alípio Miranda Ribeiro (1874 - 1939), por quem ele tinha uma grande admiração:

Fallar em Candido Mariano da Silva Rondon não é fácil, eu o confesso: não que os aspectos sympathicos pelos quaes elle se nos apresenta deixem de ser todos os aspectos pelos quaes o quizessemos analyze; mas os aspectos de Rondon são multiplos, constituem elementos para estudos mais demorados e abrangem assumptos alheios aos fins d'esta casa e... do meu campo de acção. (RIBEIRO, 1920, p. 5)

1 FREDERICO CARLOS HOEHNE

Frederico Carlos Hoehne (1882-1959) foi o botânico que mais contribuiu com a Comissão Rondon. No Museu Nacional existem 1096 plantas, registradas em fichas, colhidas por ele na Comissão Rondon.



Fig. 2 – Frederico Carlos Hoehne. Fonte: botanicaufpr.blogspot.com

Hoehne foi um dos primeiros cientistas brasileiros a estudar a nossa flora nativa. Ele fez parte do grupo de viajantes naturalistas que percorreram o Brasil entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX. Também foi escritor e diretor de instituições científicas, como o Instituto Butantã, o Instituto de Botânica de São Paulo, o Zoológico de São Paulo e o Museu Botânico Dr. João Barbosa Rodrigues. Hoehne dedicou a sua vida ao estudo da flora brasileira, formou coleções que permaneceram no Brasil.

Da nossa flora indígena poderíamos escrever muitos livros. Ela é riquíssima de espécies e formas, farta de coisas interessantes e bonitas. As madeiras, as plantas officinaes, corantes, gomíferas, resinosas, oleíferas, forrageiras, têxteis, taníferas, frutíferas e outras, poderíamos estudá-las separadamente porque nos dariam assuntos para belas monografias. De todas elas temos dito alguma coisa, sem jamais esgotar tudo o que se conhece a seu respeito (HOEHNE, 1930, p. 4).

No Rio de Janeiro, Hoehne organiza todo o material trazido de Mato Grosso e começa o estudo sistemático, organizando o material em grupo e família para facilitar o estudo dos pesquisadores. Troca correspondência com vários cientistas brasileiros e de outros países.

Hoehne era um velho veterano em expedições ao estado do Mato Grosso. De Junho de 1908 à Novembro de 1909, serviu como botânico da Comissão de Linhas Telegráficas em Mato Grosso e de Dezembro de 1910 à Abril de 1912 foi convocado novamente para aquela Comissão.

2 EDGAR ROQUETTE-PINTO

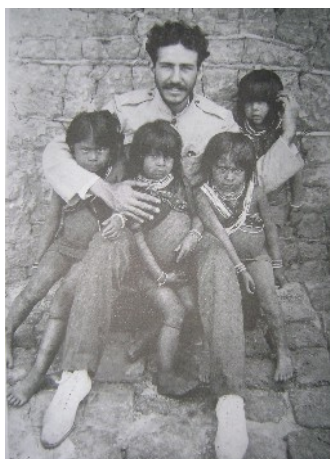


FIG. 3 – Roquette Pinto. Fonte: Acervo Roquette Pinto, Centro de memória da Academia Brasileira de Letras.

Edgar Roquette-Pinto (1884 —1954) foi um médico legista, professor, escritor, antropólogo e etnólogo. Foi membro da Academia Brasileira de Letras e é considerado o pai da radiodifusão no Brasil.

Em 1905, iniciou sua carreira científica no Museu Nacional, ao ser nomeado assistente da Seção de Antropologia e Etnografia através de concurso. Ficou no Museu Nacional até 1936, quando foi encarregado pelo governo de organizar e dirigir o Instituto Nacional de Cinema Educativo. No magisterio exerceu as seguintes cátedras: foi professor assistente de Antropologia no Museu Nacional, em 1906, professor de História Natural na Escola Normal do Distrito Federal, em 1916 e professor de Fisiologia na Universidade Nacional do Paraguai, em 1920.

Em 1912 Roquette-Pinto fez parte da Missão Rondon e passou várias semanas em contato com os índios nambiquaras que até então não tinham contato com a civilização.

Na volta, trouxe vasto material **etnográfico** que originou, em **1917** o livro *Rondônia¹ - Antropologia etnográfica*, considerado um clássico da antropologia brasileira.

Foi diretor do **Museu Nacional** de **1926** a 1936, onde as suas principais ações foram: remodelou uma grande parte do edifício, melhorou a apresentação das coleções etnográficas, criou uma nova seção dedicada a assistência ao ensino e a publicação da Revista Nacional de Educação (1932 – 1934) e organizou a maior coleção de filmes científicos no Brasil. (idem)

Roquette-Pinto foi membro do **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, da **Academia Brasileira de Ciências**, da **Sociedade de Geografia**, da **Academia Nacional de Medicina**, da **Associação Brasileira de Antropologia** e de varias outras associações culturais, nacionais e estrangeiras.

3. ALÍPIO DE MIRANDA RIBEIRO



Fig. 4 – Alípio Miranda Ribeiro. Fonte. Museu Nacional.

Alípio de Miranda Ribeiro (1874 - 1939) foi um naturalista, nascido em Rio Preto. Muito jovem, mudou-se para o Rio de Janeiro onde se matriculou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, todavia não concluiu o curso. Em 1894 ingressou no Museu Nacional, onde foi preparador interino da 1ª Secção. Três anos depois, foi nomeado naturalista-auxiliar. Em 1899 foi nomeado secretário e trinta anos depois foi nomeado professor e chefe da Divisão de Zoologia, onde exerceu a função até 1939, quando faleceu.

¹ Roquette Pinto propôs esse nome para designar a zona compreendida entre os rios Juruena e Madeira cortada pela “Estrada Rondon”. Os elementos geológicos, geográficos, botânicos, zoológicos, antropológicos e etnográficos que tal região tem fornecido, originais e numerosos, justificam a criação dessa província antropogeográfica. (ROQUETTE PINTO, 1975, p. 3)

Participou da Comissão Rondon e acompanhou a sua primeira expedição. Sobre a Comissão Rondon, fez o seguinte comentário em uma conferência no Museu Nacional: “Não é fóra de propósito lembrar aqui, o modo criterioso e sábio da Comissão Rondon, documentando as suas asseverações. Cada um de vós que me ouvis, poderá examinar , péça por péça, os elementos que figuram n’esse monumento.” (RIBEIRO, 1920, p. 7).

Ribeiro participou da Expedição científica Roosevelt-Rondon, com [Theodore Roosevelt](#), ex-Presidente dos [Estados Unidos](#) e o Coronel [Cândido Mariano Rondon](#).

As coleções brasileiras da Expedição são constituídas de dois grupos de material. Um procedente do vale do Paraguai, em Mato Grosso até as cabeceiras do rio Roosevelt e alguns exemplares dos rios Comemoração de Floriano e Gy-Paraná ou Machado, outro procedente do rio Aripuanã, afluente do rio Madeira.

A coleção procedente do vale do Paraguai ficou assim constituída: 16 mamíferos, 137 aves, 100 peixes, 59 tubos com diversos insetos e outros animais.

A coleção procedente do rio Aripuanã, possuía: 43 mamíferos, 120 aves, 17 répteis, 70 peixes, 5 *Arthropodes*.

Ribeiro considerava a Comissão Rondon como uma das quatro maiores expedições científicas brasileiras dos últimos cem anos: “Quantas Comissões brasileiras anteriores à Rondon e mesmo tratando de história natural, proeceram desse módo, em cem annos que a União possui um Museu para esse estudo?” (RIBEIRO, 1920, p. 7).

4. JOÃO GERALDO KUHLMANN



Fig. 5 – João Geraldo Kuhlmann. Fonte: Jardim Botânico.

João Geraldo Kuhlmann (1882 – 1958) nasceu em [Blumenau](#), SC e faleceu no [Rio de Janeiro](#), RJ. Era [botânico](#) e participou da Comissão Rondon.

Kuhlmann trabalhou no Jardim Botânico do Rio de Janeiro por volta de 1879 e em 1944 tornou-se diretor, exercendo este cargo até 1951.

Além da Comissão Rondon, Kuhlmann participou de duas grandes expedições a amazônia. Uma em 1923, quando participou da missão brasileira integrada a missão oficial norte americana do estudo da borracha no vale do Amazonas. Kuhlmann coletou uma grande amostra botânica no Pará, em Iquitos, no Peru, Bolívia e no Mato Grosso. Na segunda expedição, voltou a percorrer os estados do Amazonas e Pará. Percorreu inúmeras vezes as regiões Sudeste e Sul do Brasil, buscando espécimes para seus estudos sobre a flora arborea da floresta atlântica.

Kuhlmann foi um especialista em Taxonomia de Angiospermas e um grande coletor de material herborizado. Publicou cerca de oitenta trabalhos, descrevendo vários novos gêneros, espécies e até mesmo famílias, como Peridiscaceae.

Os gêneros *Kuhlmannia* J.C.Gomes, sinônimo de *Pleonotoma* e *Kuhlmaniella* Barroso, sinônimo de *Dicranostyles* foram batizados em sua honra.

Kuhlmann contribuiu enormemente com suas pesquisas para o conhecimento da Flora Brasileira e influenciou um grande número de botânicos de varias gerações.

5. EUSÉBIO PAULO DE OLIVEIRA



Fig. 6 – Eusébio de Oliveira.

Fonte:

<http://ozildoroseliafazendohistoriahotmail.blogspot.com/search/label/>

Eusébio Paulo de Oliveira (1883 – 1939) nasceu em Arraial do Areião, Minas Gerais e faleceu no Rio de Janeiro. Foi o principal geógrafo da Comissão Rondon. Graduou-se em engenharia civil e de minas pela Escola de Minas de Ouro Preto em 1905. Era filho do geólogo Francisco de Paula Oliveira. Começou a trabalhar como

geólogo no Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil em 1907, onde permaneceu até 1922, sendo efetivado como diretor do serviço em 1925.

Em resposta a um ofício do Coronel Rondon solicitando um geólogo para acompanhar a Expedição Científica Roosevelt-Rondon, o Dr. Orville A. Derby, Diretor do Serviço Geológico e Mineralógico, designou o engenheiro de minas Euzébio Paulo de Oliveira, como geólogo da Expedição.

A Expedição percorreu algumas zonas naturais do Brasil, permitindo ao geólogo observar diferentes feições topográficas, geológicas, vegetativas e climáticas.

Oliveira, fez o serviço de campo sozinho, mas para escrever seu relatório teve a ajuda do professor Rimann e do próprio Rondon que lhe forneceu uma coleção de rochas feita na exploração do rio Roosevelt, quando ainda se chamava rio da Dúvida.

Durante a descida do rio da Dúvida foram colhidas rochas visíveis nas cachoeiras e barrancas do rio. As rochas foram estudadas macroscopicamente e a conclusão é que: “A coleção encerra rochas crystallinas, eruptivas e sedimentarias metamorphisadas que, em conjunto, assemelham-se muito com as rochas que constituem as cachoeiras do Tapajós, Xingu e outros rios da bacia amazônica”. (OLIVEIRA, 1915, p. 55,56).

BIBLIOGRAFIA:

HOEHNE, Frederico Carlos. **As Plantas Ornamentais da Flora Brasileira**. Vol. I. São Paulo, Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, 1930.

HOEHNE, Frederico Carlos. **Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas**. Anexo nº 5-História Natural Botânica - Parte V. Rio de Janeiro, 1915.

OLIVEIRA, Euzébio Paulo. **Geologia. Anexo nº 1 da Expedição Científica Roosevelt-Rondon**. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio. 1915.

RIBEIRO, Alípio de Miranda. **Zoologia. Anexo nº 4 da Expedição Científica Roosevelt – Rondon**. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio. 1914

ROQUETTE-PINTO, Edgar. **Rondônia: anthropologia-ethnographia**. 7ª ed. Rio de Janeiro; Fiocruz; Academia Brasileira de Letras. 1ª Ed, 1917. 2005.